

A Língua Portuguesa em Dia

Francine Baranoski Pereira
(Organizadora)



 **Atena**
Editora

Ano 2018

Francine Baranoski Pereira

(Organizadora)

A Língua Portuguesa em Dia

Atena Editora

2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

L755 A língua portuguesa em dia [recurso eletrônico] / Organizadora Francine Baranoski Pereira. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2018.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-85107-89-5

DOI 10.22533/at.ed.895182211

1. Língua portuguesa. I. Gaviolli, Gabriel. II. Título. III. Série.

CDD 469.04

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra intitulada: "A Língua Portuguesa em Dia" traz uma riqueza de estudos nas grandes áreas: Gramática, Língua e Literatura, áreas que possuem identidades próprias, que se complementam e propiciam a reflexão e compreensão dos fenômenos da linguagem em suas diversas manifestações.

Os artigos desta edição, fazem um convite ao leitor/professor/estudante da área e/ ou demais interessados a compreender o discurso literário de diversos autores brasileiros e estrangeiros, dentre eles: Clarice Lispector, Ana Miranda, Eulálio Motta, Carson McCullers, Luandino Vieira, José Lins do Rego, Suleiman Cassamo, Paulina Chiziane sob múltiplos enfoques. Mostram estudos que ressaltam a importância do uso da gramática, do dicionário, do ensino de diversos gêneros textuais em sala de aula. Apresentam análises e eventos discursivos, variedades linguísticas, contribuições para o ensino de língua estrangeira, uso da tecnologia no ensino do Português e ensino de Libras em um relato de experiência. Todos os capítulos contém embasamento teórico seguido de explicações, indagações e reflexões ou relatos, provocando no leitor a construção de suas compreensões e interpretações e por fim, do seu próprio conhecimento dos estudos apresentados.

Deste modo, a leitura desta obra propiciará inúmeras contribuições para leitores, professores, estudantes e pesquisadores em suas leituras, práticas e pesquisas neste âmbito plural, pois traz o conhecimento científico em distintas áreas que perpassam Língua e Literatura.

Francine Baranoski Pereira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A AMBIVALÊNCIA ENTRE A TEMPORALIDADE NARRATIVA FICCIONAL E A TEMPORALIDADE HISTÓRICA NA OBRA <i>BOCA DO INFERNO</i> DE ANA MIRANDA	
<i>Ivete Monteiro de Azevedo</i>	
<i>Lídia Maria Nazaré Alves</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8951822111	
CAPÍTULO 2	11
A NORMALIZAÇÃO NA TRADUÇÃO DO VOCÁBULO “MORTE/DEATH” EM DUAS OBRAS DE CLARICE LISPECTOR TRADUZIDAS PARA A LÍNGUA INGLESA: UM ESTUDO BASEADO EM CORPUS	
<i>Thereza Cristina de Souza Lima</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8951822112	
CAPÍTULO 3	22
EDIÇÃO CRÍTICO-GENÉTICA DO POEMA “TERRA DE PROMISSÃO”, DE EULÁLIO MOTTA	
<i>Pâmella Araujo da Silva Cintra</i>	
<i>Patrício Nunes Barreiros</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8951822113	
CAPÍTULO 4	36
EDIÇÃO CRÍTICO-GENÉTICA DO POEMA CARNAVAL DE MUNDO NOVO, DE EULÁLIO MOTTA	
<i>Maria Rosane Vale Noronha Desidério</i>	
<i>Patrício Nunes Barreiros</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8951822114	
CAPÍTULO 5	48
EM BUSCA DE RESPOSTAS: DEUS EXISTE?	
<i>Ieda Tinoco Boechat</i>	
<i>Carlos Henrique Medeiros de Souza</i>	
<i>Leila Maria Tinoco Boechat Ribeiro</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8951822115	
CAPÍTULO 6	63
EM CENA A LENDA AMAZÔNICA: A MATINTA PERERA	
<i>Rosalina Albuquerque Henrique</i>	
<i>Célia Suely Abreu Cota</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8951822116	
CAPÍTULO 7	73
LITERATURA E MÚSICA NOS CONTOS “WUNDERKIND” E “MADAME ZILENSKY E O REI DA FINLÂNDIA” DE CARSON MCCOLLERS	
<i>Júlia Reyes</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8951822117	
CAPÍTULO 8	87
LUANDINO VIEIRA PELOS CAMINHOS DA PAISAGEM, DA MEMÓRIA E DA HISTÓRIA EM LUUANDA	
<i>Fabiana de Paula Lessa Oliveira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8951822118	
CAPÍTULO 9	100
MEMÓRIA CULTURAL DOS ESCRITORES: AS ENGRENAGENS DE JOSÉ LINS DO REGO.	
<i>Evandro Figueiredo Candido</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8951822119	

CAPÍTULO 10	115
ENTRE CULTURAS: A MISSÃO CIENTÍFICA AUSTRO-ALEMÃ DE 1817 AO BRASIL	
<i>Leonardo Ferreira Kaltner</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221110	
CAPÍTULO 11	130
UM PASSEIO PELAS RUAS, CIDADES E VIDAS EM SULEIMAN CASSAMO	
<i>Fabiana de Paula Lessa Oliveira</i>	
<i>Fabiana Rodrigues de Souza Pedro</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221111	
CAPÍTULO 12	140
PROCEDIMENTO LITERÁRIO DE PAULINA CHIZIANE “VENTOS DO APOCALIPSE”	
<i>Lídia Maria Nazaré Alves</i>	
<i>Ivete Monteiro de Azevedo</i>	
<i>Ana Maria de Carvalho Leite</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221112	
CAPÍTULO 13	148
CARACTERÍSTICAS CENTRAIS DA NARRATIVA GÓGOLIANA E A MOTIVAÇÃO MORAL A PARTIR DE TCHITCHIKOV EM ALMAS MORTAS, DE NIKOLAI GÓGOL	
<i>Márlon Coí Rojas</i>	
<i>Evandro Barbosa</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221113	
CAPÍTULO 14	152
A TRAVESSIA DA LETRA E DAS PERSONAGENS CLARICIANAS	
<i>Lídia Maria Nazaré Alves</i>	
<i>Ivete Monteiro de Azevedo</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221114	
CAPÍTULO 15	167
ANÁLISE DA PROPAGANDA ORAL À LUZ DOS ESTUDOS RETÓRICO-CONVERSACIONAIS	
<i>Maria Francisca Oliveira Santos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221115	
CAPÍTULO 16	180
A INTERFACE SEMIOLINGUÍSTICA NAS CANÇÕES DE NANDO REIS NO ESTUDO DA LEITURA	
<i>Carmen Elena das Chagas</i>	
<i>Pânmella Franco Bispo dos Santos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221116	
CAPÍTULO 17	191
A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL	
<i>Fátima Stela Bezerra Viana Barbosa</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221117	
CAPÍTULO 18	199
O DICIONÁRIO E A GRAMÁTICA NAS ENTRELINHAS DE PESQUISAS	
<i>Amós Coêlho da Silva</i>	
<i>Anne Marilyn Silva Santos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221118	

CAPÍTULO 19	213
ANÁLISE DAS REGRAS DE FÓRONS DE FANFICTIONS COMO ESTRATÉGIA NA ADEQUAÇÃO DA ESCRITA DOS JOVENS ÀS NORMAS ORTOGRÁFICAS DA LÍNGUA PORTUGUESA	
<i>Elaine Santana de Souza</i>	
<i>Luciano Dias de Sousa</i>	
<i>Raquel Veggj Moreira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221119	
CAPÍTULO 20	225
ANÁLISE DO DISCURSO DE UMA CAMPANHA DE SAÚDE FEMININA	
<i>Edelyne Nunes Diniz de Oliveira</i>	
<i>Lucineide Matos Lopes</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221120	
CAPÍTULO 21	237
ANÁLISE DO LOGOS ARISTOTÉLICO NO GÊNERO TEXTUAL DEBATE POLÍTICO TELEVISIONADO	
<i>Romildo Barros da Silva</i>	
<i>Maria Francisca Oliveira Santos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221121	
CAPÍTULO 22	254
ANÁLISE SEMÂNTICA DO ROTEIRO DE TELENOVELA	
<i>Simone Dorneles Severo</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221122	
CAPÍTULO 23	279
AS CONTRIBUIÇÕES DO GÊNERO ANÚNCIO NO ESTÍMULO À LEITURA	
<i>Géssica Pereira Monteiro Rangel</i>	
<i>Eliana Crispim França Luquetti</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221123	
CAPÍTULO 24	290
AS FORMAS PRONOMINAIS TU, VOCÊ E O(A) SENHOR(A) NO PORTUGUÊS FALADO EM CAMETÁ-PARÁ	
<i>Raquel Maria da Silva Costa</i>	
<i>Karina Pereira Castro</i>	
<i>Kéttelen Mayara Tavares Brito</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221124	
CAPÍTULO 25	304
ATIVIDADES DE REFERENCIAÇÃO: O USO DE MARCADORES TEMPORAIS EM NARRATIVAS AFILIADAS AO LENDÁRIO AMAZÔNICO	
<i>Heliud Luis Maia Moura</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221125	
CAPÍTULO 26	318
ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA EM PERSPECTIVA: O QUE AS PESQUISAS (NÃO) TÊM A DIZER SOBRE A PERSONALIZAÇÃO DA APRENDIZAGEM?	
<i>Joane Marieli Pereira Caetano</i>	
<i>Adriene Ferreira de Mello</i>	
<i>Dulce Helena Pontes-Ribeiro</i>	
<i>Carlos Henrique Medeiros de Souza</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221126	

CAPÍTULO 27	334
ENSINO DE LIBRAS L2 NA PERSPECTIVA DISCURSIVA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	
<i>Andréa dos Guimarães de Carvalho</i>	
<i>Gilmar Garcia Marcelino</i>	
<i>Kelly Francisca da Silva Brito</i>	
<i>Renata Rodrigues de Oliveira Garcia</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221127	
CAPÍTULO 28	341
EVENTOS DISCURSIVOS CARREGADOS DE SENTIDOS: EFEITOS MONITORÁVEIS?	
<i>Ieda Tinoco Boechat</i>	
<i>Thiago Soares de Oliveira</i>	
<i>Sérgio Arruda de Moura</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221128	
CAPÍTULO 29	354
GÊNEROS TEXTUAIS, TECNOLOGIA E ENSINO DE PORTUGUÊS PARA FALANTES DE OUTRAS LÍNGUAS.	
<i>Ângela Marina Bravin dos Santos</i>	
<i>Arthur Lima de Oliveira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221129	
CAPÍTULO 30	361
O QUE DIZEM AS REDAÇÕES DO ENSINO FUNDAMENTAL I ? - UMA PESQUISA BASEADA EM CORPORA	
<i>Elaine Cristina Ferreira de Oliveira</i>	
<i>Adriane Orenha-Ottaiano</i>	
<i>Ravel João da Silva Gimenes</i>	
<i>Leandro Ferreira de Oliveira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221130	
CAPÍTULO 31	370
UM OLHAR DISCURSIVO SOBRE OS DIÁLOGOS DIDÁTICO NOS LIVROS DE LÍNGUA INGLESA	
<i>Sonia Maria da Fonseca Souza</i>	
<i>Eliana Crispim França Luquetti</i>	
<i>Poliana da Silva Carvalho</i>	
<i>Vyvian França Souza Gomes Muniz</i>	
<i>Joane Marieli Pereira Caetano</i>	
<i>Carlos Henrique Medeiros de Souza</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221131	
CAPÍTULO 32	385
ENTRE FATOS E HIPÓTESES: A LINGUAGEM EM ANÁLISE	
<i>Ivete Monteiro de Azevedo</i>	
<i>Lídia Maria Nazaré Alves</i>	
<i>Leonardo Gomes de Souza</i>	
<i>Fernanda Soares Wenceslau</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221132	
SOBRE A ORGANIZADORA	401

O DICIONÁRIO E A GRAMÁTICA NAS ENTRELINHAS DE PESQUISAS

Amós Coêlho da Silva
Anne Marylin Silva Santos

RESUMO: Qual seria a importância de se saber que o latim e o grego têm uma relação de parentesco indo-europeu? Uma delas seria a de identificar a importância do “pater” como centro do universo cultural. Os albanos como os ancestrais dos antigos romanos, já que Ascânio, filho do seu principal herói Eneias da épica ocidental, ou, com o seu outro nome, o epíteto lulo, fundador de Alba Longa. Uma falsa etimologia do epíteto “lulo”, ou seja, *lolum* ou *loulom* (outros mencionam *lobum*) funciona como um patronímico ancestral de Júlio César, o estadista mais importante de Roma, como está em Shakespeare e, mais adiante, Bernard Shaw. Assim, **louilos* por **diuulos*, relacionado, portanto, com *louis*, genitivo de *Iuppiter*, o deus do dia luminoso, cuja raiz indo-europeia é **lou-il-*, donde lulo como Júlio seria o “luminoso”. É que *lulus* se relaciona a *Iulius*, *nomen* da *Gens Iulia*. Dentre as reformas de Júlio César, temos em nosso calendário o mês de julho, introduzido após junho. O seu herdeiro Augusto César introduziu em seguida o seu nome, que, em português, evoluiu para “agosto”. O indo-europeu foi um povo que se localizou na região do Cáucaso e emigraram, principalmente, rumo ao sul da Europa, fundando cidades da raça

caucasiana. O comparativismo de estudiosos é um marco inicial da Linguística moderna, fixou uma família linguística, por exemplo, do cotejo entre “pater” do latim, com “patēr” do grego, “father” do inglês, “vater” do alemão, “pitar” do sânscrito”.

PALAVRAS-CHAVE: Etimologia; Simbolismo das Palavras; Semântica; Semiologia.

ABSTRACT: What is the importance of knowing that Latin and Greek have an Indo-European kinship relationship? One of them would be to identify the importance of the “pater” as the center of the cultural universe. The Albanians as the ancestors of the ancient Romans, since Ascanius, son of his main hero Aeneas of the Western epic, or, under his other name, the epithet lulo, founder of Alba Longa. The false etymology of the epithet “lulo”, that is, *lolum* or *loulom* (others mention *lobum*) functions as an ancestral patronymic of Julius Caesar, the most important statesman of Rome, as it appears in Shakespeare and, once more Bernard Shaw. Thus, *louilos* by **diuulos*, related, therefore, to *louis*, genitive from *Iuppiter*, the god of the luminous day, whose Indo-European root is **lou-il-*, where lulo as Julius would be the “luminous” It is that *lulus* relates to *Iulius*, *nomen* of *Gens Iulia*. Among the reforms of Julius Caesar, we have in our calendar the month of July, introduced after June. His heir Augustus Caesar then introduced

his name, which in Portuguese evolved into “August”. The Indo-European was a people that was located in the region of the Caucasus and emigrated, mainly, towards the south of Europe, founding cities of the Caucasian race. The Comparative Linguistics of scholars is an early mark of modern Linguistics, has established a linguistic family, for example, the comparison between Latin “pater”, with “patēr” from the Greek, “father” from the English, ‘vater” from German “pitar” from Sanskrit “

KEYWORDS: Etymology; Symbolism of Words; Semantics; Semiology.

1 | INTRODUÇÃO

Qual seria a importância de se saber que o latim e o grego têm uma relação de parentesco indo-europeu? Uma delas seria a de identificar a importância do “pater” como centro do universo cultural, inaugurador que fora de cidades e sua respectiva legislação. Mais adiante, por exemplo, se lerá a proposição épica de Vergílio e, nela, temos *Albanique patres*, que traduzimos como *os reis albanos*, e não como “o país albanos” como o fez mais literalmente Maurice Rat na sua nova edição francesa da *Eneida*. Em seguida fez o erudito francês uma nota informando que os albanos são os ancestrais dos romanos, já que Ascânio, filho do seu principal herói da épica ocidental, Eneias, ou, com o seu outro nome, o epíteto lulo fundou Alba Longa, hoje *Palazzuola*.

A falsa etimologia do epíteto “lulo”, ou seja, *lolum ou loulom* (outros mencionam *lobum*) funciona como um patronímico ancestral de Júlio César, o estadista mais importante de Roma, conforme até mesmo diria William Shakespeare na sua tragédia *Julius Caesar* e, mais adiante, Bernard Shaw, *Caesar and Cleopatra*. Assim, **louilos* por **diuulos*, relacionado, portanto, com *louis*, genitivo de *Iuppiter*, o deus do dia luminoso, cuja raiz indo-europeia é **lou- il-*, donde lulo como Júlio seria o “luminoso”. (BRANDÃO, 1993: 36 e 171)

Dentre as reformas de Júlio César, temos em nosso calendário o mês de julho, introduzido após junho. O seu herdeiro Augusto César, introduziu em seguida o seu nome, que, em português, evoluiu para “agosto”.

O indo-europeu foi um povo que se localizou, mais ou menos, na região do Cáucaso e emigraram, principalmente, rumo ao sul da Europa, fundando cidades da raça caucasiana. O comparativismo, firmado com fundamentos científicos a partir de estudiosos como Franz Bopp, é um marco inicial da Linguística moderna. Comparou-se, por exemplo, “pater” do latim, com “patēr” do grego, “father” do inglês, “vater” do alemão, “pitar” do sânscrito” ou, então, “pes, pedis” do latim, com “poús, podós” do grego, “foot” do inglês, “fuss” em alemão, “pada” em sânscrito etc. Note-se uma possível constante no plano fonológico. Por exemplo, entre o latim e o grego “p” com bastante persistência, mas alternando para “f” (ou “v”) nas famílias linguísticas germânicas, na hindu, de base sânscrita, retornando a “p”. Desses cotejos, foi possível concluir uma raiz hipotética, colocando um asterisco à esquerda nas hipóteses científicas) sempre

com base numa das línguas da mesma família (o latim (além do osco e o úmbrio) é do grupo ítalo-celta; o grego é constituído de aqueus, eólios, jônios e dórios, etc.)

Quando se lê em Tácito que Nero foi um “parricida”, termo indicado pelo historiador em relação ao ato de Nero assassinar a própria mãe, nos causa estranheza. No Direito Romano, explica-se o assassinato de Nero como um parricídio (e não como matricídio), porque aquele que mata um membro consanguíneo tão próximo na família, ou seja, ele mata um membro familiar: em latim, *parentes*. Os estudiosos tentaram definir tal crime e surgem explicações as mais diversas. Uma delas é que quem pratica tal delito deve ser punido com um *parix (termo sem documentação: saco de couro impermeabilizado com betume), como citou Anderson de Araújo Martins Esteves em sua tese de doutorado *Nero nos “Annales” de Tácito* – página 116. Mas podemos atribuir uma outra interpretação, argumentando, primeiramente, a partir da etimologia, a importância de um “pater”, pedra angular na cultura ocidental, de base indo-europeia, e termo formador de cognatos importantíssimos como patronímico, derivados do nome do pai, patriarcalismo, patrício, o nobre romano, patrimônio, pátria, patriarca etc. Para o termo “mater” só se dispõe de uns poucos cognatos, matrona, maternidade, o que denota uma atividade social pobre. Não o é para “pater”, por exemplo, que os senadores romanos invocaram como “patres conscripti”? Assim, lemos múltiplas vezes na obra mais famosa do orador Cícero, *As Catilinárias*.

Portanto, na esteira de Émile Benveniste, que toma a classificação semiolexemas, *que são os signos livres* (2006: 226) e os destaca dos semio-categoremas, espécies de sub-signos (elementos gramaticais: prefixos, sufixos, etc.)

Tomemos, doravante, a língua como um conjunto de signos, quando eles forem dotados de significação no interior de sua respectiva comunidade linguística, como vimos o caso de “pater” e como acentua Émile Benveniste: *o signo é a unidade da semiótica*. (2006: 224). Como ele propõe, a palavra como a unidade semântica no âmbito da comunicação, mas na frase como a unidade semiótica no contexto de significação. Trata-se de recortar a noção de signo na relação sintagmática concretizada na frase, pois a frase é uma ideia, sob a condição sintagmática.

Assim, o termo crise em grego é κρίσις, litígio, luta, mas também significa decisão, juízo, já que o Homem ao emergir da natureza precisou lutar, porque passou do âmbito pontual das necessidades instintivas, ou seja, simplesmente comer, dormir e outras necessidades vitais, que a natureza demanda, para uma segunda alteridade, ora definida pela linguagem com sua pluralidade de objetos, quer dizer, *temos agora consciência de uma liberação do naturalismo*. (CASSIRER, Capítulo X *A História*, 1977: 272) E *apud* Ernst Cassirer, na mesma passagem, ORTEGA y GASSET, *A História como Sistema: O homem não tem natureza, o que ele tem é... história*. O sentido de “história” aqui é de linguagem.

De modo que “blue”, azul, numa metáfora, em inglês, é “triste, melancólico”, blues song, canções de “tristezas”... no entanto, em português, azul significa “no auge, no entusiasmo”, como em Raimundo Correia: *No azul da adolescência as asas soltam...*

A leitura semântica lista-se na polissemia. O signo se confina em cada cultura. “Blue” é um signo, portanto unidade semiótica, no sintagma “blues song”, seu conteúdo simboliza a melancolia dos escravos à beira do rio Mississipi, entoando cantos para aliviar o lado árduo de suas tarefas... Em português, “azul” não aparece nos dicionários, com a significação de “auge ou apogeu feliz” como constrói o Poeta acima, mas está no âmbito da linguagem popular, quando se diz, por exemplo, “Tudo azul?” - o que constitui a noção de signo. Semanticamente, Houaiss, Caldas Aulete, Aurélio Buarque, não registraram a noção sónica, que se alinha na semiótica focalizada, a não ser o conjunto polissêmico de sentidos do termo.

Até a onomatopéia reveste o pensamento de novos matizes, por isso ouvimos, como falante de português, a voz do cachorro emitindo “au, au” em português, mas *Por exemplo, o ladrar do cão é reproduzido em inglês como “bow-wow”. Há linguistas que defendem que o efeito onomatopaico depende da situação em que se pronuncia uma palavra.* (Onomatopeia –E-Dicionário de Termos Literários, Carlos Ceia)

Tal luta, a passagem do mundo da natureza para a história, se define como um dualismo entre o ser natural e *homo sapiens*, o vir a ser ou ter uma nova identidade... Os historiadores da Renascença, conforme Ernst Cassirer (273 e sequência), atribuíram ao Homem este poder de dominação existencial sobre a terra. Debate, contudo, o fato de o homem ter “consciência histórica”, como identidade ímpar sobre o planeta, mas não se concretizarem suas esperanças futuras que ficaram mergulhadas unicamente no seu passado, sob o fluxo temporal e sob o polimorfismo da vida humana. Afirma ainda que o homem, ao notar o problema do tempo, ou melhor, quando seus desejos e necessidades imediatas começaram a não ser correspondidos adequadamente, ele foi buscar resposta na origem mítica, e não mais na origem histórica.

A filosofia investiga os arcanos do Homem como *animal ridens* ou *homo sapiens*. O Poeta colabora também com símbolos sobre o Homem. Ora, Ernst Cassirer (Capítulo II - *Uma Chave para a Natureza do Homem: o Símbolo*: 51) chama o Homem, na sua interação temporal ou espacial, de *animal symbolicum*. A tessitura poética se projeta diluída num amálgama de linguagens, verbal e não verbal, como a própria etimologia de *symbolicum*: ‘sym’, reunião, ‘-bol’, lançar, ‘icu-’, relativo a –lança(-r/-do) ao mesmo tempo. Compreendemos como característico da natureza humana: a referência ao futuro. Cassirer (*Antropologia Filosófica: Ensaio sobre o Homem*, 1977: 92) nos auxilia: *Vivemos muito mais de nossas dúvidas e temores, ansiedades e esperanças ligadas ao futuro, do que de nossas recordações ou de nossas experiências presentes.* No imaginário helênico, este fato se alegorizou no mito de Pandora. Aberta a caixinha, todos os bens (numa das versões são “os males”, que povoaram a terra e a esperança ficou presa na borda da jarra) se evolveram e só sobrou dentro da caixinha a esperança. Cassirer (Idem, ibidem: 86) se apoia em Kant, e sublinha: *No dizer de Kant, o espaço é a forma de nossa “experiência exterior”, o tempo é de nossa “experiência interior”.* Cassirer reforça sua argumentação com Heráclito nesta sua reflexão: *O que disse Heráclito vale para toda a vida orgânica: “Não se pode entrar duas vezes no mesmo*

rio”. (Idem, ibidem: 87)

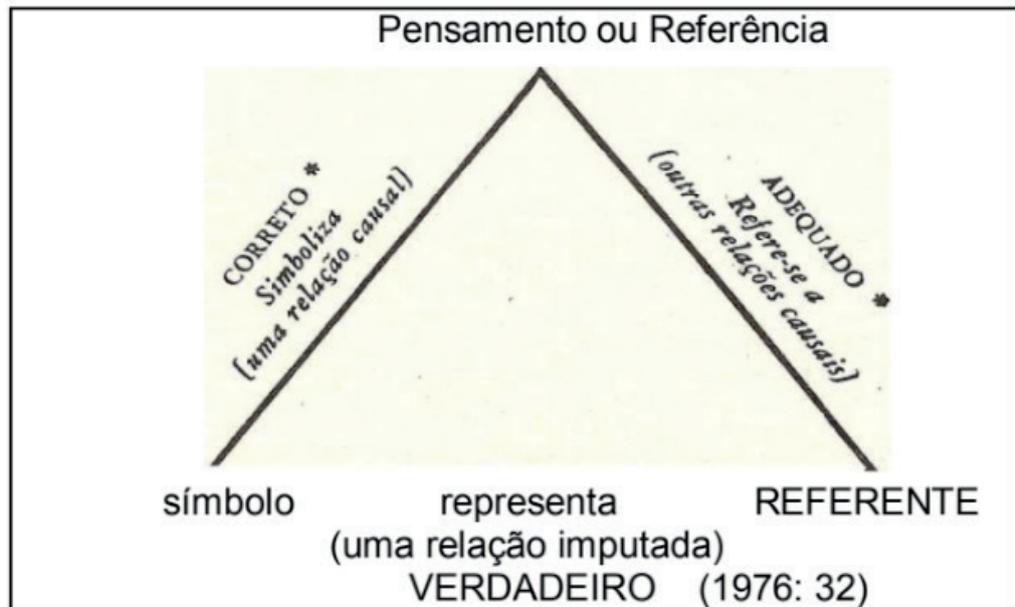
Em uma outra obra, *Linguagem e Mito*, Ernst Cassirer comenta como Kant definiu “realidade” no pensamento discursivo e o delimitou *mediante a consideração de que é preciso designar como “real” todo conteúdo da percepção empírica, na medida em que seja determinado por leis gerais e, destarte, ordenado na uniformidade do “contexto da experiência”* (p.75). Mas o pensamento mítico e a concepção primitiva não delineiam o “contexto da experiência”, já que esta função só poderia ocorrer na liberação, na diferenciação e na individualização.

Cassirer fundamenta o método de interpretação mitológica pela investigação linguística, em geral, e a etimológica, especificamente, *como veículos de interpretação* (2003, p. 17). No campo da mitologia, a palavra é mágica. *Quanto maior o poder de um ser, e quanto mais eficácia e “significação” mítica contém, tanto mais se estende a significação de seu nome.* (Cassirer, 2003: 71) Um cristão fervoroso dirá: *em nome de Deus, em nome de Cristo, em vez de dizerem: em Deus e em Cristo.* (Idem, p.71-2) Onde a importância do epíteto.

1.1 A Leitura dos Sentidos das Palavras

A leitura de *O Vocabulário* em Othon M. Garcia, *Comunicação em Prosa Moderna*, nos dá a dimensão da importância da linguagem na educação do gênero humano. O Autor nos menciona uma pesquisa em que um especialista (Dr. Johnson O’Connor) *submeteu a teste de vocabulário cem alunos de curso de formação de dirigentes de empresas industriais* (2002: 64). Depois de cinco anos, se verificou o percentual de 10%, que revelou mais domínio de vocabulário, ocupando os cargos de direção e o percentual de 25%, que demonstraram um domínio “fraco”, sem ocupar nenhum cargo de direção. Admite ainda que para *vencer na vida* não é suficiente um bom vocabulário. Mas é inegável a importância de um domínio de vocabulário, tanto na recepção de mensagens como na formulação da expressão do pensamento de maneira clara e precisa. Sem palavras não se pensa.

Dentre as múltiplas leituras recorridas por Othon M. Garcia, encontramos o triângulo de Ogden e Richards, conforme se lê abaixo:



Os exemplos comentados por Ogden & Richards nos permitem afirmar que, devido à fluidez do significado das palavras – ou seja – do “referente”, há múltiplas interpretações para um mesmo texto. Assim, seguindo, neste momento, os passos de Umberto Eco em *Obra Aberta*, vamos admitir “símbolo” como signo da linguagem verbal na palavra “cão” (ECO, 1971: 111). Há neste termo uma relação sem motivo e não natural com aquilo que este indica, ou melhor, *o cão propriamente dito* (Idem, 112). Em outro idioma, teríamos à esquerda do triângulo outro segmento fônico e nem por isso haveria mudança na relação com o “referente”. Se alterarmos a referência, teremos novidade, porque é a mediação entre o “símbolo” e o “referente” é dada pela “referência”. Isto é o que alguns estudiosos chamam *conceito*, outros *imagem mental* e até *a condição de uso do “símbolo”*. Há uma estreita relação entre “símbolo” e “cão”. Ao se tentar dizer “cão”, não se pode dispor de outro recurso para se exprimir que não seja o “símbolo”. Ao se ouvir “cão”, devido à referência, se pensará no “símbolo” “cão”. Mas há “símbolo” sem referente, como é o caso do *unicórnio* (Idem: 112). A semiologia é o estudo do lado esquerdo do triângulo de Ogden e Richards (Idem: 113). Aí residem *numerosos fenômenos de significação* (Idem: 113). Completaríamos: em elipse (ou subjacentes) na dêixis, conforme Benveniste.

Quando Othon M. Garcia interpreta na leitura de Ogden & Richards que *as palavras por si mesmas nada significam, a cada novo contexto elas adquiririam significação diferente* – ainda se refere àquele fato afirmado também por Umberto Eco sobre a mediação da referência entre o “símbolo” e o “referente”. Ora, conforme o estudioso italiano, se for usada uma estratégia simples num âmbito de comunicação, como, por exemplo, apenas apontar o objeto sem construção de texto mais elaborado, talvez se pudesse sair desse emaranhado. Será que se apontaria para uma “vaca” e também estaria resolvida qualquer dificuldade de sentido da mensagem?

Em primeiro lugar, tomemos “sentido” como diferente de “significado”. Qual é o “significado” de “vaca”? É um animal dotado dos seguintes semas: vertebrado,

mamífero, quadrúpede, doméstico, fêmea etc. Porém, se a referência viesse de um hindu, e não de uma referência de um ponto qualquer do globo terrestre, ocorreria uma significação totalmente diferente a partir de um sema religioso: para eles, a “vaca” é elemento do sagrado. Ou seja, “referência” corresponde a uma outra cultura. Aí é que alcançamos o “sentido”.

A mesma coisa se pode exemplificar com a palavra “senhora”. Em Joaquim Manoel de Macedo, *A Moreninha*, “senhora” apresenta semas bem diferentes de Aluísio Azevedo em *O Cortiço*. Com diferenças evidentes de época, em *A Moreninha*, surpreendemos o fato de uma menina de quinze anos ser tratada por *senhora*, como elemento a ser interpretado, já que uma possibilidade de leitura, no vasto sistema, ou seja, no mundo, seria a de uma repressão sexual por trás dessa cerimônia social.

Em Aluísio Azevedo, o termo “senhora” é enriquecido com um diminutivo e afirma o Autor de *O Cortiço*, em paralelismo com uma outra personagem, *Pombinha: Chamavam-lhe Pombinha*. Quer dizer, a comunidade do cortiço a batizou com este “símbolo”. Por iteratividade, o mesmo acontece com a filha do Jerônimo: *Crismaram-na logo com o cognome de “Senhorinha”*. (p. 131, capítulo 19) O próprio Autor nos auxilia na leitura, quando afirma que, naqueles moradores antigos - como ocorrera com a Pombinha - *havia uma necessidade moral de eleger para mimoso da sua ternura um entezinho delicado e superior, a que eles privilegiavam respeitosa e suntuosamente, como súditos a um príncipe*. (ibidem) A afetividade da comunidade está expressa no sufixo -inho e o elemento simbólico de contemplação / sacralização no nome pomba, que, na tradição judaico-cristã, representa o Espírito Santo, ou seja, a pureza e simplicidade, uma mensagem de paz, harmonia, esperança e felicidade. O que dizer, então, de “senhora”? É claro que se trata de Nossa Senhora, a mãe de Jesus. Tudo isso forma implícitos (repetição de diminutivos, da sacralidade do nome, isto é, “semas”, unidade mínima de significação (DUBOIS *et alii*: 1978), etc.) que devem ser orientados na leitura de um discurso literário.

Como se sabe, a semiologia em Saussure se apresenta como um ramo da psicologia social, ou seja, um quadro maior que abrange a linguística. Mas, se ancorarmos nossa leitura em Roland Barthes, seremos forçados a admitir que qualquer sistema semiológico, como código de trânsito ou de alimentação de um povo etc., se impregna de linguagem; donde, a semiologia é que seria um ramo da linguística.

Por isso, Othon M. Garcia passa daquela leitura, que ele citou, quer dizer, Ogden & Richards, que se prendem a uma análise da linguagem também não verbal, afirmando que tal mediação *tornaria praticamente impossível a própria intercomunicação*. (176) E retoma o debate, introduzindo o dicionário. Este caminho percorrido por Othon M. Garcia, é semelhante ao de Mattoso Câmara (1970: 22):

Assim, uma língua, em face do resto da cultura, é -1) o seu resultado, ou súmula,2) o meio para ela operar, 3) a condição para ela subsistir. E mais ainda: só existe para tanto. A sua função é englobar a cultura, comunicá-la e transmiti-la através das gerações.

Tudo isto opõe a língua ao resto da cultura, ou cultura 'strcto sensu', e torna necessária uma ciência independente para estudá-la – a LINGÜÍSTICA, distinta da ANTROPOLOGIA CULTURAL ou ETNOLOGIA, que estuda todas as outras manifestações culturais.

Para nos encontrarmos, temos de retomar Saussure com o que ele denominou “valor linguístico”, que é o “sentido” de um elemento, considerada a sua posição dentro de um sistema linguístico. A união entre o som vocal, admitindo-o como possibilidade combinatória, e um conceito, imbricado num sistema, resulta numa forma e não numa substância.

É no conjunto das “relações” em “oposição” entre as unidades linguísticas no interior do sistema que encontraremos o “valor linguístico”. Assim, (Benveniste, 1995: 23):

A noção positivista do “fato” linguístico é substituído pela de “relação” (Idem). Ao invés de considerar-se cada elemento em si e de procurar-se a sua “causa” num estado mais antigo, encara-se cada elemento como parte de um conjunto sincrónico; o “atomismo” dá lugar ao “estruturalismo”.

(Grifos do autor)

Na questão da “Polissemia e contexto”, considerando a linguagem, seja na comunicação *oral ou escrita, mímica ou semafórica*, como *um sistema de símbolos*, nascido de um pacto social e proveniente de histórica convivência que amadurecerá o valor do símbolo à medida que o grupo social aprovar e aceitar um “valor linguístico” (SAUSSURE: 157) Para um dado sentido:

La colletivité est nécessaire pour établir des valeurs dont l'unique raison d'être est dans l'usage et le consentement général: l'individu à lui seul incapable d'en fixer aucune, a coletividade é necessária para que se estabeleça os valores dos quais a única razão de ser está no uso e no consenso geral: o indivíduo, por si só, é incapaz de fixar nele qualquer valor que seja.

Em edições antigas, liam-se mais considerações sobre os dois exemplos de Othon M. Garcia a respeito de *linha e ponto* retirados do *Dicionário de Laudelino Freire*. O Autor de *Comunicação em Prosa Moderna* afirmou naquelas edições que as palavras *linha e ponto* teriam, respectivamente, 165 e 117 sentidos. A do ano 2002 se restringe a dizer *cerca de cem acepções*. Inclusive, é interessante refletirmos quais seriam aqueles sentidos?

Uma outra citação *in* Otto M. Garcia é a leitura de Karl Bühler a respeito das funções primordiais da língua. Assim, para expressar o mundo biossocial, temos na tradução do Mattoso Câmara, a função “representativa”, sempre que usarmos a língua em sua capacidade de fazer um recorte do mundo exterior. Se a finalidade for exprimir sentimentos, exploraremos a função de “exteriorização psíquica”. Na tradução de Roman Jakobson para a língua portuguesa, se fala em função “emotiva”, que parece

termo mais simples e eficaz. Ao contrário da tradução que foi feita de Roman Jakobson para o português, quanto à finalidade persuasiva de língua, ou seja, “conativa”, temos “apelo” – esta expressão “apelo” está em *Comunicação em Prosa Moderna* - ou “atuação social” e que ambas foram palavras indicadas por Mattoso Câmara, e nos parecem mais precisas.

Propõe-se ainda Othon M. Garcia uma leitura sobre denotação e conotação e nota-se nas entrelinhas atualidade bibliográfica do Autor. Cita expressamente Umberto Eco, *A estrutura ausente*. Comenta a palavra “cão” com seus múltiplos semas: animal doméstico, mamífero, quadrúpede, canino – assertiva semântica introduzida por Greimas.

Ainda traz à luz que *toda metaforização é conotação, (... mas) nem toda conotação é metaforização*. (2002: 180)

Sobre a importância da metáfora é preciso completar que ela não é conotação quando se trata de um eixo formador de polissemia. Voltemos à palavra “linha”. A “linha de mira” é de sentido denotativo e nessas metáforas consagradas (O telefone deu “linha”, perder a “linha”, “linha” melódica...) ainda temos denotação e a metáfora é um recurso de formação do abstrato.

2 | PROBLEMAS LINGÜÍSTICOS EM TRADUÇÕES LATINAS

Publius Vergilius Maro (70-19 a.C.), Vergílio, cujo verdadeiro nome é a forma onomástica Vergilius < *uerg (cf. gr. ‘érgon’, ação; trabalho; ‘enérgeia’, energia), mas a latinidade cristã, que admirava o seu caráter dócil, associou o seu nome a uirgo (virgem); daí, em port. Virgílio, em fr. Virgile, em ingl. Virgil. Estudou também em Roma. Em 42 a.C., após a batalha de Filipos, teve as suas terras gaulesas confiscadas e distribuídas entre os veteranos de guerra de Otaviano. Foi a Roma e consegue recuperar os seus domínios, mas é confiscado pela segunda vez. Mecenas, ministro de Otaviano, cujo nome se torna um substantivo comum com o significado de “protetor da arte”, dá-lhe uma boa compensação, além de uma propriedade em Nola. Vergílio escreveu em versos hexâmetros datílicos as seguintes obras: as *Bucólicas*, ou *Éclogas*, as *Geórgicas* e a *Eneida*. Críticos atribuem a Vergílio a autoria de outros textos da sua fase juvenil no *Appendix Vergiliano*.

ARMA virumque cano, Troiae qui primus ab oris
Italiæ, fato profugus, Laviniaque venit
litora, multum ille et terris iactatus et alto
vi superum saevae memorem Iunonis ob iram;
multa quoque et bello passus, dum conderet urbem,
inferretque deos Latio, genus unde Latinum,
Albanique patres, atque altae moenia Romæ.

(Vergílio, *Eneida*, 1, 1-7)

*Canto as armas e o varão, que, como pioneiro, veio
Das praias de Tróia, afugentado pelo destino, para a Itália e
Litoral Lavínio, muito ele foi agitado nas terras no alto mar
Pela força dos deuses superiores, pela ira lembrada da cruel Juno;
Também sofreu muitos trabalhos na guerra, enquanto fundasse a cidade,
E transferisse os seus deuses para o Lácio, donde (surgiram) a raça Latina,
Os reis albanos e as muralhas da poderosa Roma.*

A simples leitura da tradução não reflete a complexidade das entrelinhas do discurso poético vergiliano. Por exemplo, ao épico o interesse se volta para apresentação; assim, descrição e narrativa se sucedem propiciando comunhão e inspiração à arte figurativa, ou as efrases épicas são como quadros de pintura, ou como aquela escultura em mármore, intitulada “Laocoonte e seus filhos”, no museu do Vaticano.

Daí, a evidência do guerreiro, devido à redução da expressão linguística, dada a construção da sinédoque, ou seja, a relação por contigüidade, ou melhor, a parte (*as armas*) pelo todo (*o guerreiro Eneias*) neste primeiro verso: *arma, orum*.

O Poeta canta *as armas* e o sentido ímpar do herói, que exige do leitor um pouco mais de conhecimento da língua latina: *vir* não pertence a uma lista extensa de palavras dentro do seu grupo mórfico ou declinação; a segunda declinação apresenta a seguinte pauta: o grupo *-us*, como *mundus, i, lupus, i, corvus, i*, etc. – todas, que inclusive formam um rol bem extenso da língua latina, estão em português: *mun*do, *lobo*, *corvo*; o grupo *-er*: *ager, agri, liber, bri, caper, pri* – todas também estão em português e constituem uma lista bem extensa, mas com alguma modificação na história interna: *-b- > -v-*, *livro*; usado no diminutivo: *cabrito* e externa: *agr-*, *campo*, em agronomia, agricultura etc. Os neutros em *-um*: *templum, i, membrum, i* etc., marcam sua presença com formas semelhantes em português: *templo, membro* etc.

Mas *vir, viri* compõe sozinha o tipo *-ir*, aqui está uma singularidade, disposta sem concorrência de outra palavra com esta terminação. E, no máximo, dela se tiram derivados, como é *triumvirato*, que passou ao português. Não poderia ser de outra forma, já que em grego um ‘ánthropos’, que corresponde no latim ao *homo, hominis*, não poderia ser um herói – pertencem em ambas as línguas a listas extensas, paradigmaticamente em latim (“-o”: “homo, *hom(inis)*; “origo, *orig(inis)*”, etc.). Quem pode ser um herói é o ‘áner, andrós’ ou o *vir, viri*. É que *homo, homem*, tem a mesma raiz de *humus, barro, argila...*, cuja derivada está expressa na significação um homem ser “humilde”, isto é, cabisbaixo, pois olha para o chão. Onde a singularidade do *vir*, que significa as qualidades viris de dado homem. Em Cícero, *Tusculanae Disputationes*, 2, 55: *rusticanus vir, sed plane vir, um homem rústico, mas verdadeiramente um homem*.

Uma outra dificuldade, observa Michel Bréal (1992: *A restrição do Sentido*). Não há ajuste na significação de uma expressão: ora ela é muito ampla, ora demasiadamente restrita. É o caso do adjetivo *altus* que observamos a seguir. No texto, usou-se *terris, nas terras*, em oposição a *alto, no mar*, com elipse da palavra *mar* em latim. Atribuiu-se ao adjetivo latino *altus* uma significação dupla: *alto* e *profundo*. *Altus* se prende ao verbo *alo* (cujo supino podia ser *altum / alitum*), *alimentar, nutrir...* O participio se especializou no sentido de *alto, que tem crescido et n'a plus de rapport sémantique avec le verbe, e não tem mais relação semântica com o verbo*. (ERNOUT & MEILLET, 1985: *alo*) Porém, o Poeta ainda lança mão do sentido etimológico de *altus* quando determina (*atque moenia*) *altae Romae, (e as muralhas) da poderosa Roma*.

De modo que *restrição de sentido tem, há muito tempo, causado surpresa aos etimologistas*. (p.85) Ressalta as *objeções de Quintiliano a respeito de "homo": 'cremos', diz ele, 'que "homo" vem de "humus", porque o homem nasceu da terra, como se todos os animais tivessem a mesma origem?'* Completa M. Bréal que *"homines" significa "os habitantes da Terra". Era uma maneira de opô-los aos habitantes do céu, "Dii" ou "Superi"*.

Émile Benveniste seguirá outro atalho, mas alcançará o mesmo resultado, assim:

A dupla significação que se atribui ao latim "altus", como "alto" e "profundo", se deve à ilusão que nos faz tomar as categorias da nossa língua como necessárias e universais. (p.87) (...)

Uma linguagem é, em primeiro lugar, uma categorização, uma criação de objetos e de relações entre esses objetos. Imaginar um estágio da linguagem, por mais "original" que se queira, mas apesar disso real e "histórico", em que um certo objeto seria "denominado" como sendo ele próprio e ao mesmo tempo qualquer outro, e em que a relação expressa seria a relação de contradição permanente – a relação não relacionante –, em que tudo seria ele mesmo e outro que não ele – portanto nem ele mesmo nem outro – é imaginar uma pura quimera. (p.89)

No quarto verso a hipálage, ou seja, o realce dos determinantes *cruel (saevae)* e (*memorem*), promove a possível tradução: *pela ira lembrada da cruel Juno* em lugar de *pela ira cruel da lembrada Juno...* Outras dificuldades são os dois zeugmas, ou elipses das preposições *in* – (*in Italiam*) e *ad* – (*ad litora Lavinia*); além disso, há a elipse do auxiliar de voz passiva *est* e ficou subentendido *surgiram* que seria em latim *orti sunt*. *Iulus* se relaciona a *Iulius*, *nomen* da *Gens Iulia*, por criatividade poética de Vergílio, que introduziu um "i": *Iulius, a magno demissum nomen Iulo*. (*En. I, 286*), *O nome Júlio é proveniente do grande Iulo*.

Ainda precisamos focalizar a expressão *fato profugus, afungentado pelo destino*. Ora, um "herói em fuga" seria uma banalização do tom altaneiro da épica. Mas não ocorre em Vergílio. Primeiramente pelo fato de Eneias se responsabilizar pelos Penates, patronos das lareiras latinas, antepassados ilustres, como no poema *unde genus latinum, donde (surgiram) a raça latina*. Em seguida, reconstrói a sua *virtus*, a

sua trajetória heroica pela *pietas*, ou seja, a obrigação de cuidar dos seus familiares e constituir *patria potestas*, o *poder pátrio* sempre com relação aos antepassados, pois o *pious Aeneas*, o *piedoso Eneias* haverá de comover a deusa Juno, divindade de profunda determinação contra este herói, mas que aceitará o culto dele, ora admitindo, portanto, sua latinidade. Também daqui provém a divinização de *Pietas* com um mito próprio e templo para fiéis.

3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A *Eneida* é um poema composto de doze livros, iniciado no ano 30 a.C. e não chegou a ser revisado pelo Poeta. A intenção é difundir a crença lendária de que os romanos descendiam dos troianos e que Otávio, que passou a Otaviano quando foi adotado por Julio César, e se tornou Augusto, proveniente do adjetivo *augustus*, a, um (derivado de *augeo*: *fazer crescer, amplificar*). O Senado outorgou-lhe tal título em 27 a.C. Recusando-se, porém, ao poder autocrático, pois Augusto César assistira o ódio criado por Júlio César, por admitir-se *dictator perpetuus*, aos *optimates*, aos patrícios romanos, inclusive, paradoxalmente, ao seu outro filho adotivo, Bruto, que o assassinou dentro do Senado, quando aliou-se aos partidários de Pompeu nesta guerra civil, sendo tal guerra instaurada justo pela trajetória de conquistas de seu pai Júlio César. Este episódio se tornou uma tragédia para William Shakespeare onde se indagaria quando surgirá outro Júlio César.

Muitas vezes, a metáfora afasta de tal forma da significação de uma palavra que nos admiramos quando consultamos o dicionário. A principal fonte de inspiração de Vergílio foram os poemas homéricos. Embora tivesse trabalhado dez anos, não conseguiu deixar o poema como queria e, por isso, pediu a Augusto que os destruísse, pedido que não foi atendido.

A sua alegoria de episódios lendários e históricos se singularizou e suas verdades poéticas se formalizam num presente contínuo de múltiplas épocas com um traço enigmático; na épica, os manuais ressaltam o caráter de canto poético sobre o passado heroico de um povo, porém, Vergílio tornou plurais as significações de seus termos e até os tornou únicos, mesmo intertextualizando versos homéricos e compartilhando alguns fatos históricos e lendários. Assim, seu canto épico são compromissos futuros de linguagem passíveis de interpretações projetadas em promessas. A interlocução do Poeta ficou encerrada num caráter indeterminado, propiciando forças futuras para aquelas representações narradas com seu cunho simbólico de promessa e, embora o seu tema seja o passado concluso, a sua verve será recolhida além, por conseguinte, será reencontrada e reinventada. Para obter o sentido de promessa, análogo à vinda de Cristo - se tomarmos a Bíblia Cristã como narrativa épica -, o Poeta põe verbo no futuro imperfeito (*erunt*) e os infinitivos (*imponere, parcere e poupar*) complementam o sentido do “que será!”, isto é, aspecto verbal inconcluso, nos versos 853 e 854, VI

Canto: *Hae tibi erunt artes, pacisque imponere morem, Parcere subjectis et debellare superbos, Estas serão tuas artes, impor o costume da paz, Poupar os submetidos e debelar os soberbos.* Será assim mesmo que encontrará em Bernard Shaw uma releitura de teatro em *Caesar and Cleopatra*; nesta peça do dramaturgo irlandês promoverá a superioridade artística dos romanos proveniente de uma pergunta de Shaw: se o governo e as leis difundidas pelo *miles romanus* não seria arte, frente à complacência desse mesmo conquistador quanto à proteção a exercer, e sempre exercerá, quanto aos ornamentos artísticos helênicos, ora colhidos pelo comandante de exército Júlio César.

Se é assim, na modernidade de uma época vindoura possibilitará a reinvenção, com novas interlocuções, pois tais modernidades abrigarão, no afã de suas renovações, o resgate da tradição épica e daquela identidade como eixo principal no canto de uma epopeia. A estética vergiliana sempre se renovou diante de sucessivas interpelações de gerações futuras, já que a memória do Poeta se imaginou como resgate de uma reminiscência na construção do futuro.

REFERÊNCIAS

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral I e II.** Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Néri. e II, Tradução de Eduardo Guimarães *et alii*. Campinas - SP: Pontes, 1995 e 2006 (respectivamente).

BRANDÃO, Junito de Souza. **Dicionário Mítico-etimológico da Mitologia Grega.** 2 volumes. Petrópolis: Vozes, 1991.

_____. **Dicionário Mítico-Etimológico da Mitologia e Religião Romana.** Petrópolis: Vozes. 1993.

BRÉAL, Michel. **Ensaio de Semântica: Ciência das Significações.** São Paulo: Pontes, 1992.

CÂMARA JR., J. Mattoso. **Princípios de Linguística Geral.** Rio de Janeiro: Acadêmica, 1970.

CASSIRER, Ernst. **Linguagem e Mito.** Tradução de J. Guinsburg e M. Schnaiderman. São Paulo: Perspectiva, 2003.

_____. **Antropologia Filosófica: Ensaio sobre o Homem. Introdução a uma Filosofia da Cultura Humana.** Tradução de Vicente F. de Queiroz. São Paulo: Mestre Jou: 1977.

CHARAUDEAU, P. & MAINGUENEAU, D. **Dicionário de Análise do Discurso.** Tradução coordenada por Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2004.

CHANTRAINE, Pierre. **Dictionnaire Étymologique de la Grecque - Histoire des Mots.** Paris: Klincksieck, 1999.

CHEVALIER, J. & GHEERBRANDT, A. **Dicionário de Símbolos.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

D'HAUTERIVE, R. Grandsaignes. **Dictionnaire dès Racines dès Langues Européennes (grec, latin, ancien français, français, espagnol, italien, anglais, allemand).** Paris : Librairie Larousse, 1949.

- ECO, Umberto. **A Estrutura Ausente**. Tradução de Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- ____. **Obra Aberta: Formas e Indeterminação nas Poéticas Contemporâneas**. Tradução de Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- ERNOUT, A. & MEILLET, A. **Dictionnaire Étymologique de la Langue Latine – Histoire des Mots**. Paris: Klincksieck, 1985.
- GAFFIOT, F. **Dictionnaire Illustré Latim Français**. Paris: Hachette, 1934.
- GARCIA, Othon M. **Comunicação em Prosa Moderna**. Rio de Janeiro: FGV, 2002.
- MACHADO, José Pedro. **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa**. Lisboa: Confluência, 1967.
- ____. **Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa**. Lisboa: Confluência, s/d;
- NASCENTES, Antenor. **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Encadernadora, 1932.
- OGDEN, C.K. e RICHARDS, I. A. **O Significado de Significado: Um Estudo da Influência da Linguagem sobre o Pensamento e sobre a Ciência do Simbolismo**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.
- RECTOR, Mônica. **Para ler Greimas**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1979.
- SUASSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**. Tradução de A. Cherlini, José Paulo Paes e I. Blikstein. São Paulo: Cultrix, MCMLXXVII.
- ____. **Cours de Linguistique Générale**. Publié para C. Bally et A. Sechehaye. Paris : Payot, 1962.
- SPALDING, T.O. **Pequeno Dicionário de Literatura Latina**. São Paulo: Cultrix, s/d.
- TRASK, R. L. **Dicionário de Linguagem e Linguística**. Traduzido de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2004.
- VIRGILE. **L'Énéide**. Nouvelle édition revue et augmentée avec introduction, notes appendices et index par Maurice Rat. Tome Premier (Livres I -VI). Paris : Garnier Frères, 1947.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-85107-89-5

